

EXPERIMENTUM CRUCIS DE VIKTOR FRANKL: UM PSICÓLOGO NO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

THOMAZ SZECHIR DIAS¹; AIRI MACIAS SACCO²

¹Universidade Federal de Pelotas – tszechir@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – airi.sacco@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Viktor Emil Frankl, psiquiatra vienense, desenvolveu uma abordagem psicoterapêutica chamada Logoterapia – do grego *logos*, que significa sentido, portanto - terapia do sentido da vida. O autor foi prisioneiro de quatro campos de concentração e construiu grande parte de sua obra em meio aos sofrimentos causados pelo partido nazista. Segundo Xausa (1988), a produção de Frankl superava qualquer racionalidade, pois buscava penetrar a alma e o espírito, através de uma escrita que ressaltasse uma emoção estética.

Apesar de ser médico psiquiatra e doutor em filosofia, Frankl não atuou nos campos como um profissional de sua área, mas como um prisioneiro comum, sendo conhecido somente pelo número 119.104 (FRANKL, 2017). Ainda que em um ambiente completamente adverso e avesso a uma vida socialmente saudável, Frankl destacou que restava ao ser humano a liberdade para decidir a sua postura diante do sofrimento inevitável (FRANKL, 2017).

A Logoterapia propõe uma abordagem diversa daquelas já produzidas em Viena no âmbito da psicoterapia. Uma delas é a psicanálise de Freud, que considera que os conflitos psíquicos são causados por problemáticas inconscientes advindas, muitas vezes, das frustrações sexuais; a outra é a psicologia individual de Adler, que ressalta que o ser humano é movido pela vontade de poder, buscando a superioridade (FRANKL, 2017). Segundo Fizzoti *apud* Barros (2009), Sigmund Freud foi um importante destinatário das cartas escritas pelo jovem Frankl, estas sempre respondidas pelo precursor da psicanálise.

O objetivo deste trabalho é descrever a experiência do psiquiatra austríaco nos campos de concentração nazista, esta denominada por ele mesmo como *experimentum crucis* (FRANKL, 2017) – experiência de cruz, em língua latina.

2. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho tem por base a revisão bibliográfica das obras de Viktor Frankl, principalmente “Em Busca de Sentido” (2017), e artigos de periódicos eletrônicos relacionados à vida e à obra do psiquiatra vienense. No entanto, pretendeu-se focar na obra magna do autor, a fim de identificar as estruturas mais significativas do texto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, a intenção de Viktor Frankl era que o seu livro “Em Busca de Sentido” fosse publicado sem a referência ao seu nome, de modo que o foco não fosse o autor, mas sim o testemunho relatado. No entanto, a coragem de confessar e a crença de que uma publicação anônima não teria tanto valor, levou o psiquiatra a mencionar o seu nome na obra. (FRANKL, 2017). Frankl dividiu o

seu principal livro em três partes: a fase de recepção no campo; a fase da vida no campo de concentração e a fase após a libertação. Esta obra traz, além da observação clínica de um médico psiquiatra, o relato de quem foi objeto dos horrores e dos abusos do partido nacional socialista alemão (SANTOS, 2019). A sua condição de prisioneiro em campos de concentração foi um ponto crucial em sua vida: desta experiência, o autor construiu uma teoria psicológica-filosófica-antropológica completamente distinta e incomum para o contexto da época.

Frankl inicia o seu relato narrando a chegada dos prisioneiros no campo de concentração, avistando uma tabuleta que indicava Auschwitz. O autor narra que este momento foi crucial para os prisioneiros que eram carregados no vagão de transporte, pois trazia às claras uma realidade já conhecida por muitos alemães: câmaras de gás, fornos crematórios e execuções em massa (FRANKL, 2017). Neste momento, Frankl percebe um quadro clínico chamado ilusão de indulto, onde o sujeito prestes a ser condenado passa a acreditar que a qualquer momento será libertado. Este fato elucida a construção de Frankl de que no campo de concentração há a privação de tudo, menos da liberdade de assumir uma posição frente às circunstâncias (PEREIRA, 2015). Nesta fase os prisioneiros nutriam diversas ilusões, a de Frankl era a de conservar seus manuscritos científicos (AQUINO, 2012).

Na segunda fase, Frankl percebe que “os compêndios de medicina mentem” (FRANKL, 2017), pois traziam a ideia de que o ser humano deve dormir um número mínimo de horas ou de que não é possível passar tanto tempo sem escovar os dentes; no campo de concentração, essas realidades aconteciam naturalmente. Além disso, a proximidade da morte, encarada minuto a minuto, levava muitos prisioneiros a pensar em suicídio, no entanto, muitos deles prefeririam morrer na câmara de gás – esta representava menos terror do que tirar a própria vida (FRANKL, 2017). Segundo Xausa (1988), a fidelidade de Frankl às suas convicções e o seu amor à vida, fez com que firmasse a promessa de não levar a sua vida ao fim, por meio do suicídio.

A morte, entretanto, acontece primeiro interiormente para os prisioneiros: o sentimento de apatia diante do sofrimento alheio, a saudade torturante dos familiares, o nojo daquilo que os cerca; aquilo que mais doía, segundo Frankl (2017), não eram os golpes físicos que os prisioneiros levavam, mas sim a revolta pela falta de justiça e de razão para aquilo estar acontecendo. A apatia também se refletia na falta de preocupação com a higiene e com a alimentação (AQUINO, 2012). A intensidade das emoções vividas no campo era maior do que os desejos sexuais, aqueles considerados mais primitivos e mais potentes por Freud; os sonhos dos prisioneiros deixaram de ser sexuais e passaram a ser com comidas, cigarros e banhos de água morna (XAUSA, 1988). Apesar da extrema apatia, conservavam-se os interesses políticos e, mais intensamente, os interesses religiosos (FRANKL, 2016).

Este contexto de dor levava a extrema desesperança. Os prisioneiros que não davam fim às suas vidas, eram aqueles que percebiam um sentido no sofrimento. Notavam que fora do campo havia outros seres humanos os esperando, ou ainda que havia uma obra inconclusa a ser desenvolvida (XAUSA, 1988). Percebendo que estava sendo condicionado pelos fatores ambientais, Frankl toma a decisão de prestar serviço aos prisioneiros como médico, buscando empreender uma atividade que concedesse sentido a sua existência, pois “mesmo no campo de concentração se pode conservar a dignidade humana” (FRANKL *apud* XAUSA, 1988), e mesmo que todas as circunstâncias que cercam o indivíduo levem a perda do controle, ainda assim sobra “a última liberdade humana” (FRANKL, 2017).

Apesar da dignidade humana ser intrínseca ao indivíduo, Viktor Frankl e seus companheiros, quando estavam próximos da libertação, percebiam a baixa de sua vida. Esta percepção, muitas vezes, resultava em sentimentos de inveja e irritabilidade. Ao perceber que alguns não reagiam, os mais fortes sentiam-se tentados a agredir os mais fracos, tamanha a apatia (FRANKL, 2017). Segundo Moreira & Holanda (2010), o indivíduo não é absorvido pelas situações, mas ele pode sempre posicionar-se acima delas, usufruindo da liberdade e da responsabilidade, que o leva a encontrar um sentido real para a sua existência. A liberdade humana não pode ser tirada nem perdida, pois está é uma conquista interior que alcança o seu ápice nas situações de sofrimento. Mesmo no campo de concentração havia indivíduos que renunciavam a si mesmos e voltavam-se integralmente para o outro, seja para dizer uma palavra ou para dar pedaço de pão (FRANKL, 2016).

Ao serem libertados, Frankl narra que os prisioneiros não sabiam mais sentir alegria pelas situações, teriam de reaprender. A soltura causa uma sensação de despersonalização, onde tudo parece um sonho. Além disso, brota a gratidão por uma sensação de que nada mais no mundo poderá ser motivo de preocupação ou medo, somente habitaria aí o temor a Deus (FRANKL, 2016).

4. CONCLUSÕES

Apesar de o seu livro de maior alcance ser uma narrativa de uma experiência vivida por milhões de pessoas – Frankl traz um caráter único ao inaugurar no âmbito da psicoterapia uma visão distintas daquelas já concebidas. A noção de que o ser humano deve ser compreendido em sua totalidade, considerando as dimensões bio-psico-espiritual, cobriu um espaço na ciência que por muito enxergou o indivíduo de forma reducionista. Deste modo, a Logoterapia de Frankl, propõe que apesar do sofrimento, o ser humano tem a liberdade e a responsabilidade para se posicionar diante da vida, e que este sofrimento pode ser transformado em realização. Conforme Frankl destaca, o ser humano é aquele que inventou as câmaras de gás, mas é também aquele ser que entrou nas câmaras de gás de cabeça erguida com um Pai Nosso nos lábios.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, T, A, A. Análise da Narrativa de Viktor Frankl acerca da experiência dos prisioneiros nos campos de concentração, **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 206-215, 2012.

BARROS, L, A; RODRIGUES, L, A. Sobre o fundador da Logoterapia: Viktor Emil Frankl e sua contribuição à psicologia. **Estudos**, Goiânia, v. 36, n. 1/2, p. 11-31, jan./fev. 2009.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017.

FRANKL, V. E. (2010) **Psicoterapia e sentido da vida**. São Paulo. Quadrante, 2016.

MOREIRA, N; HOLANDA, A. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. **Psico-USF**, Itatiba, v. 15, n. 3, p. 345-356, 2010.

PEREIRA, I, S, Espírito e liberdade na obra de Viktor Frankl. **Psicologia USP**, São Paulo , v. 26, n. 3, p. 390-396, 2015.

SANTOS, D, M, B, dos. Educação para sentido na vida e valores: percepção de universitários a partir do livro “Em busca de sentido”, de Viktor Frankl. **Rev. Bras. Estud. Pedagógicos**. Brasília, v. 100, n. 254, p. 230-252, 2019.

XAUSA, I. A. M. **A psicologia do sentido da vida**. Petrópolis. Vozes, 1988.